

CULTURA LETRADA E SOCIABILIDADES URBANAS NO GABINETE DE LEITURA SETE DE SETEMBRO, CAMPINA GRANDE (1913-1935).

Bruno Rafael de Albuquerque Gaudêncio¹

I. A Cultura Letrada em Campina Grande

A primeira metade do século XX ocupa um lugar central na história de Campina Grande, Paraíba. Nela surgiram os vetores de transformação da cidade que a marcaram profundamente, colocando o município como o mais importante centro econômico e político do planalto da Borborema, - quer a considerem sob o ponto de vista urbanístico, das disputas sociais, ou do auge econômico do comércio do algodão (SOUSA, 2001). O que esta comunicação, vinculada à dissertação intitulada: *Da Academia ao Bar: Sociabilidades Literárias, Imprensa e Conflitos Estéticos e Políticos em Campina Grande (1913-1953)*, pretende problematizar é que, também sob o ponto de vista artístico-cultural, em especial da produção literária, as transformações que Campina Grande vivenciou no intervalo destas décadas foram igualmente significativas e marcantes, e que a formação de círculos de literatos neste mesmo período colaborou para as mudanças nos campos literários, estéticos e políticos da cidade e do estado da Paraíba.

Em Campina Grande, a partir da chegada do trem em 1907, houve a intensificação da aquisição por parte de uma elite político-econômica, de equipamentos considerados modernos, como os sistemas telegráficos e telefônicos, a adoção de equipamentos de higiene e/ou conforto (como os sistemas de água encanada, esgotos e iluminação pública, etc.), dentre outros. Tais conquistas passaram ao imaginário social da população da região como signos do moderno. (ARANHA, 2005)

Neste contexto, todavia, numa dimensão simbólica, livros, jornais e revistas passaram também a circular de maneira mais intensa nos mais diversos lugares, entre eles salões, clubes e academias literárias que foram surgindo no início do século XX (CÂMARA, 1998). Ambientes estes, que se notabilizaram por debates literários e políticos entre intelectuais ansiosos por socializarem novas idéias e valores em

¹ Mestrando no Programa de Pós-Graduação em História na Universidade Federal de Campina Grande (UFCCG).

predominância na época, como por exemplo, a cultura francesa, dominante no campo das idéias literárias, políticas e filosóficas no Brasil (ROUANET, 2002).

São justamente estes ambientes literários, espaços oportunizados pela circulação de textos impressos (como livros, jornais, revistas, anuários e almanaques) e pela mobilização de meetings, tertúlias e conferências literárias, - que pretendemos investigar ao longo da dissertação referida a cima, atrelada a Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) . Entidades literárias como o *Gabinete de Leitura Sete de Setembro*, *Academia dos Simples*, *Clube Literário de Campina Grande* e o *Centro Campinense de Cultura*, serão analisadas ao longo desta pesquisa como *círculos literários associativos*, justamente pelo caráter de instituição cultural, constituídos por regras entre os membros, expressados por estatutos e códigos. Com características diferenciadas dos primeiros círculos, temos também o que chamaremos de *círculos literários não-associativos*, como a *Fruteira de Cristino Pimentel*, o *Caldo de Cana do Hortênsio* e o *Restaurante Uirapuru*, bares em sua maioria. (PIMENTEL, 1956; DINOÁ, 1993; CÂMARA, 1998). Estes ambientes aparentemente possuíram certa “naturalidade” no âmbito da socialização, não havendo regras rígidas, nem convenções escritas entre os membros, tendo entre os freqüentadores, boêmios, com hábitos de consumirem bebidas alcoólicas, sempre regadas a bate-papo e declamações de poemas².

Desta forma, especificamente nesta comunicação pretendemos compreender a constituição de uma cultura letrada no município de Campina Grande, Paraíba, através da historicização do Gabinete de Leitura Sete de Setembro, sociedade literária fundada em 1913 por um grupo de intelectuais locais, sob a liderança de Lino Fernandes de Azevedo e José Coelho. Ambicionamos ainda compreender as formas de sociabilidades urbanas no município, através das práticas literárias realizadas pelos intelectuais, em meio às transformações materiais e dos níveis simbólicos no município de Campina Grande.

Antes de traçarmos uma trajetória do Gabinete de Leitura vamos entender as origens de tais organizações no Brasil e relacionarmos com o ambiente urbano ao longo do século XIX e XX no Brasil e em especial na cidade de Campina Grande, Paraíba,

² A escolha pela delimitação temporal entre os anos de 1913 e 1953, fruto de uma investigação inicial foi devido à data de início das atividades do *Gabinete de Leitura Sete de Setembro* em 1913, e o término das ações da chamada *Fruteira de Cristino Pimentel*, em 1953. Compreendemos que ambos estes círculos foram paradigmáticos quanto às atividades literárias em Campina Grande, sendo importantes para a intelectualidade local.

percebendo também o nosso estudo dentro da prerrogativa da construção de uma cultura histórica sobre o olhar de um estudo da história cultural das sociabilidades intelectuais.

II. Gabinetes de Leitura e Sociabilidades Urbanas

Os primeiros gabinetes de leitura surgiram seguindo tendência já evidenciada em outras regiões do país, especialmente a partir da fundação do Real Gabinete Português de Leitura em 1837, no Rio de Janeiro, na época capital federal (SCHAPOCHNIK, 1994). Na segunda metade do século XIX vários Gabinetes foram sendo criados em todo o Brasil. No que hoje chamamos de Nordeste destaque para os estados de Pernambuco e Ceará, respectivamente nas capitais Recife e Fortaleza, na época já cidades do expressivo potencial econômico e cultural.

No estado do Ceará, o historiador Lima (2009) realizou um estudo sobre a relação sociabilidades urbanas e a cultura letrada cearense através da constituição de Gabinetes de Leitura no interior cearense. Para o historiador jornais, gabinetes de leitura, reuniões literárias e dançantes aliam-se às medidas de reorganização do espaço urbano cujo objetivo era dotar as cidades e vilas da região de sinais da chegada do progresso. Um exemplo citado é o da chegada do trem, que por sua vez funcionou tanto no Ceará como na Paraíba como meio de aproximação destes núcleos urbanos.

Graças à ferrovia, o contato com as estações ferroviárias, onde iam buscar as encomendas enviadas de outros estados através do trem. Assinantes de jornal recebiam seus exemplares através de estafetas que, conduzindo comboios de jumentos, desciam a serra em busca da estação de Granja, onde recebiam as mercadorias para serem conduzidas aos seus. (LIMA, 2009)

Outro equipamento moderno importantíssimo neste processo foi o telégrafo, que instalado nas estações funcionou como um importante fator de aceleração das comunicações impressas. Os jornais mantinham sua sessão de telegramas onde se publicava o conteúdo das mensagens chegadas da capital do estado e do país, enviadas pelos correspondentes.

Desta forma, a expansão dos Gabinetes de Leitura no Brasil pode ser pensada como um conjunto de conquistas no âmbito material e simbólico no que rege a questão das Urbanidades, como um lugar pelo qual a civilização poderia ser pensada através de um conjunto de práticas e representações, como a leitura ou mesmo as ações relacionadas às conferências, bailes e encenações.

III. Aspectos Teóricos Metodológicos

A Nova História Cultural na década de 1970 ampliou e renovou definitivamente as abordagens, os temas e os problemas no campo histórico (HUNT, 1992), o que possibilitou que temáticas como os intelectuais, suas formas de sociabilidades e seus embates estéticos e políticos fossem um estudo passível de ser investigado nos dias atuais, produzindo assim, uma cultura histórica que privilegia a atuação e a relação ideológica destes agentes em relação aos seus ambientes culturais.

Segundo Flores (2007) podemos compreender *cultura histórica* como um campo de conhecimento que articula a cultura historiográfica (racionalizada e metodizada) e os saberes históricos (prescritos e legitimados). Tal concepção entende que a orientação do tempo e a constituição da identidade não ocorrem apenas nas estruturas internas do campo científico, mas também nas relações e nas constituições da vida prática do mundo social.

Como agentes de uma produção literária, os intelectuais campinenses da primeira metade do século XX produziram uma cultura histórica no sentido compreendido por Flores (2007), visto que o passado não é privilégio apenas dos historiadores, mas também de cronistas, memorialistas, escritores e poetas, como os freqüentadores destes círculos de literatos, como o Gabinete de Leitura Sete de Setembro, agentes produtores de uma tradição escrita e midiática à margem, muitas vezes, da ciência histórica.

IV. Gabinete de Leitura Sete de Setembro

O Gabinete de Leitura Sete de Setembro, localizada na Avenida Maciel Pinheiro (ou Rua Grande, como ficou conhecida em Campina Grande), foi um dos primeiros lugares de socialização literária em Campina Grande. Fundada em 1913, pelo professor Dr. José Coelho, entretanto a idéia partira do pernambucano Lino Fernandes de Azevedo, esta instituição centralizou durante muitos anos a vida intelectual da cidade de Campina Grande, mantendo biblioteca diariamente aberta ao público, jornal, revista,

escola gratuita etc. e promovendo muitas festas cívicas e literárias, entre elas concursos de beleza, e as chamadas “horas literárias”, “Conferências” e “Jornais falados”.

Alguns dos principais nomes que participaram das diretorias do Gabinete de Leitura Sete de Setembro em Campina Grande foram: Lino Gomes da Silva, Tertuliano Barros, Lafayette Cavalcante, Luiz Malheiros, Lino Fernandes, Ernani Lauritzen, Clementino Procópio, Severino Pimentel, Mauro Luna, Antonio Telha, José Amorim, entre tantos nomes das letras e da sociedade campinense.

A maneira pela qual se organizavam administrativamente era a seguinte: de dois em dois anos havia as eleições que elegiam a diretoria, formado por cargos de Presidência, vice-presidência, secretarias e conselhos diretores e financeiros, formados quase sempre por mais de um indivíduo, - todos homens³. Graças a estas características institucionais considero *O Gabinete de Leitura Sete de Setembro* como um círculo literário (como Darnton designa em seu estudo sobre a Boêmia Literária antes da Revolução francesa) associativo, justamente por ser uma entidade jurídica, constituída através de estatutos, membros e regras internas. Todavia, o *Gabinete Sete de Setembro* não pode ser pensado como uma espécie de Academia de Letras, visto que seu caráter elitista, ligado às aristocracias locais, não tendem a concentrar apenas literatos como Mauro Luna e Lino Gomes, mas também personalidades de nível político e financeiro, mas identificados com as questões das sociabilidades urbanas e modernas, visto que o Gabinete não era apenas um espaço de leitura, mas principalmente um lugar pelo qual a sociedade campinense se reunia criando uma identidade social de elite.

Durante os cerca de mais de vinte anos de História o Gabinete de Leitura Sete de Setembro possuiu algumas publicações como o Jornal O Gabinete (criado em 1916) e a Revista Campinense (fundado em 1920, tendo apenas um numero publicado). Lá entrelaçados com dados burocráticos como balanços comerciais de gastos e doações de livros, nomes de sócios e diretores, temos retratos e homenagens as chamadas figuras ilustres do município e da Paraíba, como políticos e capitalistas. Ou seja, o Gabinete de leitura servia como um lugar de afirmação de uma elite econômica, beneficiada com a chegada do trem, entre objetos modernos, com o crescimento financeiro da cidade, e mais do que isso com a chegada dos chamados signos da civilização.

³ Poucas foram às mulheres que participaram da Diretoria. Todavia, há vários registros de mulheres que faziam sucesso nas declamações e/ou tertúlias, realizadas quase sempre nos sábados a noite.

O período áureo do Gabinete de Leitura Sete de Setembro foi justamente durante a década de 1910, posterior à chegada do Trem (ocorrida em 1907). Ao deixar de funcionar, em 1935, não foram poucas as queixas dos intelectuais locais, a exemplo do cronista campinense Hortensio Ribeiro devido, assim descrevendo as suas lembranças do local:

Na sua bem começada “biblioteca” alinhavam-se centenas de volumes preciosos, uns ofertados pelos sócios e pessoas da sociedade campinense e outros adquiridos com o produto de quermesses e varias festividades promovidas naquela localidade expressamente para esse fim (RIBEIRO, 1979, p.53).

Aliás, boa parte das crônicas e livros de memórias dos letrados campinenses salienta estes mesmos aspectos. Primeiro, a revolta com o fim da entidade na década de 1930; segundo, a afamada biblioteca, que de acordo com os mesmos letrados eram a parte mais dignificante do Gabinete de Leitura. Desta forma, dentro do processo de urbanização e modernização da cidade de Campina Grande, o Gabinete assumia um papel de formação intelectual de uma elite econômica que estava sedenta por novidades literárias.

Dentro deste contexto, o principal papel dos gabinetes de leitura era a difusão da leitura. Em suas estantes e mesas de estudo, os artefatos impressos – livros, jornais, mapas, etc. – permaneciam à espera de leitores, ou seja, encontravam um ponto final de repouso. Se saíam por empréstimo, não deixavam de pertencer ao acervo. Desta forma, os gabinetes de leitura representam importantes locais de reunião e de guarda da informação condensada em artefatos impressos. A entrada de um livro no acervo de um gabinete de leitura representava a conclusão de um longo processo de circulação, cujo ponto de origem estava nas editoras e tipografias européias. A preponderância de livros impressos na Europa deve-se à exacerbada alíquota do imposto cobrado sobre o papel para impressão no Brasil, o que tornava seu preço superior ao do papel impresso, cuja importação representava a alternativa mais barata, o que foi claramente enxergado pelos livreiros da época (Cf. SCHAPOCHNIK, 2005).

Uma última faceta dos gabinetes de leitura diz respeito ao seu uso como espaço destinado a outras formas de sociabilidade que não a leitura. Dentre estas se destacam os bailes dançantes. A proliferação destas festas destinadas à aristocracia local teve como consequência uma chegada mais apressada da decadência a alguns gabinetes, uma vez que os sócios passaram a preferir os bailes às conferências literárias.

Outro aspecto que podemos pensar é que o modelo de Gabinete de Leitura idealizado pelo pernambucano Lino Fernandes de Azevedo⁴, e colocado em prática pelo professor José Coelho, pode ser percebido como inspiração de entidades semelhantes às implantadas desde segunda metade do século XIX em cidades como o Recife e Fortaleza. No caso específico de Campina Grande, Lino Fernandes havia chegado do Recife em 1911, portanto, não é de estranhar a hipótese do mesmo intelectual ter trazido um modelo já estabelecido na capital pernambucana.

V. Conclusões

Dentro da historiografia de Campina Grande pouquíssimos foram os trabalhos que se preocuparam em pensar o lugar do Gabinete de Leitura Sete de Setembro dentro do processo de transformação urbana no município. A ascensão foi o estudo da professora Regina Nascimento, que em sua dissertação apresentada em 1997 através do Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), intitulada *Disciplina e Espaços: construindo a modernidade em Campina Grande no início do século XX*, que procurou pensar os lugares em que a modernização procurava disciplinar os sujeitos dentro do processo de modernização na cidade de Campina Grande. Todavia, a historiadora apesar de destacar o *Gabinete de Leitura Sete de Setembro*, ressaltando a formação de espaços culturais tendo como referência as disputas políticas locais, não se preocupa em analisar com profundidade a atuação dos membros desta associação no âmbito político e literário campinense, não salientando o aspecto simbólico representado pelo gabinete para a elite, e também não percebendo-a como uma espécie de círculo literário, que evidenciava a preocupação de uma formação de uma cultura letrada no município no seio de uma elite econômica e política.

⁴ Lino Fernandes de Azevedo nasceu no Recife em 28 de junho de 1885. Em 1911 mudou-se para Campina Grande. Foi colaborador do jornal Correio de Campina e de outros jornais da cidade. Escreveu peças de teatro, representadas em Campina e outros municípios paraibanos. Foi sócio fundador do Rotary Clube local em 1935. Ingressada na política, elegendo-se deputado na Assembléia Estadual e vereador. Faleceu no dia 20 de abril de 1962.

VI. Referências Bibliográficas

- ARANHA, Gervácio Batista. Seduções do Moderno na Parahyba do Norte: trem de ferro, luz elétrica e outras conquistas materiais e simbólicas. In: DO Ó, Alarcon Agra e et alii. *In: A Paraíba no Império e na República: Estudos de História Social*. João Pessoa: Idéia, 2005.p.79-132.
- CÂMARA, Epaminondas. *Datas Campinenses*. Campina Grande: Edições Caravela, 1998.
- CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: DIFEL, 1990.
- DARTON, Robert. *Boêmia Literária e Revolução*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- DINOÁ, Ronaldo. *Memórias de Campina Grande*. (2 vols.). João Pessoa: A União, 1993.
- FLORES, Elio Chaves. Dos Feitos e dos ditos: História e Cultura Histórica. IN: *Revista Saeculum*. João Pessoa, jan./jun. 2007.p.83-102.
- JOFFILY, Irineu e et alii. *Coletânea de Autores Campinenses*. Campina Grande: Edições da Comissão Cultural do Centenário, 1964.
- LIMA, Jorge Luiz Ferreira de. Cultura Letrada e Sociabilidades urbanas: Gabinetes de leitura na região Norte do Ceará (1870-1920). *In: Anais do Simpósio Nacional de História*, Fortaleza, Céara, 2009.
- NASCIMENTO, Regina Coelli. *Disciplina e Espaços: construindo a modernidade em Campina Grande no início do século XX*. Dissertação em História, Recife, UFPE, 1997.
- SCHAPOCHNIK, Nelson. Contextos de leitura no Rio de Janeiro do século XIX: salões, gabinetes literários e bibliotecas. *In: BRESCIANI, Stella. Imagens da cidade*. São Paulo: Marco Zero/ANPUH/FAPESP, 1994, p. 147-162.
- SOUSA, Fabio Gutenberg R. B. de. *Cartografias e Imagens da Cidade: Campina Grande – 1920-1945*. Tese de Doutorado. Campinas: UNICAMP, 2001.